

Falar grosso não vai trazer

Valter Melo

O Brasil vê boas perspectivas para a próxima etapa de negociação de sua dívida externa a vencer em 1985, "mesmo porque o clima no mercado financeiro internacional outro e a situação do País hoje é melhor que no passado". As impressões são do chefe da Área Externa da Seplan, embaixador Botafogo Gonçalves. O governo brasileiro reiniciará as conversações com os bancos após o término da assembléia anual do FMI e Bird, de 24 a 27 próximos, em Washington (EUA).

Indagado se o Brasil poderá obter dos bancos as mesmas vantagens conseguidas pelo México, nas suas recentes negociações da dívida, Botafogo esclareceu não ter sentido dizer para os bancos que eles têm que dar ao Brasil o que foi dado ao México, mas vê com otimismo a possibilidade de se conseguir significativa redução dos "spreads" e das comissões cobradas pelos bancos.

"A questão mexicana é apenas o termômetro dos mercados. Não se trata de uma questão de equidade. Não é falando grosso que você obtém concessões, mas sim, mostrando que o País aumentou a produção de petróleo, aumentou a expor-

tação, as safras foram melhores". Afirmou.

Botafogo confirmou que o ministro Delfim Netto, durante a tradicional reunião das nove, no Palácio do Planalto, fez um relato de sua viagem iniciada a 29 de agosto a Londres e Nova Iorque, onde foi fazer contatos com os banqueiros credores. "O ministro fez sondagens, e ele não quer causar constrangimento aos seus interlocutores revelando publicamente o conteúdo das conversas".

Sobre a reunião conjunta do FMI e Banco Mundial, a iniciar-se no próximo dia 24, em Washington, Botafogo afirmou que as condições do mercado que precedem esta reunião são bem diferentes de 1982, quando os bancos comerciais anunciaram a interrupção dos créditos aos países do Terceiro Mundo. A partir da ocasião, que se chamou "setembro negro", o Brasil fez duas renegociações da dívida. Botafogo lembrou que os bancos têm assento na assembléia FMI/Bird apenas na condição de observadores.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, informou que o Brasil vai pedir aos bancos entre US\$ 3 e 4 bilhões em dinheiro novo, para fazer face aos pagamentos de juros e serviço da dívida externa em 1985.

vantagens